

Envelhecer na cidade

MARIELE RODRIGUES CORREA *

Resumo: O presente texto tece algumas considerações sobre o processo de urbanização em intersecção com o envelhecimento populacional, abordando algumas temáticas como a mobilidade dos idosos, a violência urbana, a gentrificação e as memórias dos mais velhos na relação com o espaço urbano. Nosso objetivo é analisar, com base em pesquisas bibliográficas e em relatos de longevos coletados por nós mediante pesquisa sistemática, as mudanças que ocorrem nas subjetivações dos idosos no espaço urbano. O envelhecimento, enquanto fenômeno complexo e diverso, traz alguns desafios para a circulação do idoso e sua apropriação da urbe, como a superação de barreiras físicas, que comprometem o acesso a logradouros diversos. Porém, nota-se que, atualmente, no cenário brasileiro, as barreiras sociais e morais também podem tolher de forma intensa a produção de subjetividade do idoso, quando elas circunscrevem e delimitam o(s) lugar(es) que eles devem ocupar e a maneira como devem fazê-lo. Nesse sentido, é necessário pensar e habitar a cidade para além dos guetos etários.

Palavras-chave: envelhecimento; cidade; subjetividade.

Aging in the city

Abstract: This paper presents some considerations about the process of urbanization in intersection with the population aging, addressing some issues such as the mobility of the elderly, urban violence, gentrification and the memories of the oldest in the relationship with the urban space. Our objective is to analyze, based on bibliographic research and in the oldest reports collected by us through systematic research, the changes that occur in the subjectivities of the elderly in urban areas. Aging, as complex and diverse phenomenon, it brings some challenges for the circulation of the elderly and their ownership of the metropolis, as overcoming physical barriers that compromise access to several public parks. However, note that, currently, in the Brazilian context, social and moral barriers can also hinder intensively the production of elderly subjectivity when they circumscribe and delimit places they must occupy and how they should do it. Therefore, it is necessary to think and live the city beyond the age ghettos.

Key words: aging; City; subjectivity.



* MARIELE RODRIGUES CORREA é Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Campus de Assis.



Um relatório sobre as “Perspectivas da Urbanização Mundial” realizado pela ONU (Organizações das Nações Unidas) em 2014 apontou que 54% da população do planeta reside em áreas urbanas, com perspectivas de aumento desse índice para 66% em 2050 (UNITED NATIONS, 2015). O intenso processo de urbanização pode ser vislumbrado, ainda, no fato de que, em 1950, havia 30% da população mundial residente em áreas urbanas, ou seja, no período de cem anos o número de pessoas residentes em cidades poderá dobrar de tamanho. No caso da América Latina, espera-se que os residentes no espaço urbano alcancem o percentual de 80% (op.cit.).

Concomitante ao fenômeno de urbanização mundial, o processo de envelhecimento da população é outro acontecimento que tem sido divulgado com bastante frequência nas pesquisas demográficas e na mídia em geral. No Brasil, o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 apontou que o número de pessoas acima dos 65 anos representava 7,4% da população total (IBGE, 2010), o que demonstra um avanço significativo em relação ao ano de 1991, que era de 4,8% de idosos e no ano 2000, que era de 5,9% (op. cit.). Nosso país envelhece a passos largos. Ainda de acordo com o IBGE (2010), há a projeção de que em

2060 o Brasil poderá ter 26,7% da população total composta por idosos.

Urbanização e envelhecimento são, portanto, fenômenos em curso no cenário atual que incitam a reflexão sobre o homem e a cidade que envelhecem: haverá possibilidade para o idoso de experienciar os espaços urbanos? Como se configuram as relações entre as velhices e os espaços habitados nas cidades? Que desafios se delineiam nessa relação? E a cidade que envelhece: como preservar os espaços da memória? Essas serão algumas questões que nortearão o debate a que nos propomos no presente artigo, cujo objetivo é analisar, com base em pesquisas bibliográficas e em relatos de longevos coletados por nós mediante pesquisa sistemática, as mudanças que ocorrem nas subjetivações do espaço urbano e as temporalidades aí constituídas.

Subjetividade, envelhecimento e alguns desafios dos idosos na experiência com a cidade: mobilidade e violência urbana.

É no espaço urbano que se realizam e se criam as principais realizações humanas. A ciência, a arte, a tecnologia, a economia, a organização social, a subjetividade, a cultura como um todo, enfim, são forjados e forjam a cidade, essa morada contemporânea da humanidade.

Dessa forma, ela não poderia deixar de ser o palco e cenário de um fenômeno bastante atual e desafiador que é o envelhecimento. O tempo, sobretudo o tempo vivido ou a experiência do tempo, continua sendo o desafio inelutável da humanidade travado junto à cidade. O homem envelhece, a cidade envelhece e juntos constroem histórias, deixam registros de suas passagens no tempo e indícios de seus legados para a

posteridade. Personagens e paisagens, fluxos e fixos, constituem cenários e palcos urbanos nos quais a humanidade tece enredos de sua história. Envelhecer, nesse sentido, também é intervir no tempo, criar temporalidades mediante enredamentos de instantes protagonizados no espaço urbano.

No caso da velhice e sua relação com a urbe, um dos grandes desafios consiste em fomentar sociabilidades que visem a presença, a circulação e a participação dos longevos no espaço urbano. Muitas vezes essa fase da vida é associada a uma série de imagens negativas e carregada de estigmas, “como a perda dos espaços de sociabilidade constituídos a partir do mundo do trabalho, a falência da saúde e da força física e mental” (LINS DE BARROS, 2006, p. 110), colocando-a como uma espécie de “morte social” (op.cit.).

Pode-se notar esse tipo de discurso negativo partindo dos próprios idosos. Em uma experiência de estágio de Psicologia com um grupo de idosos aposentados da baixada santista e suas apropriações da cidade, Imbrizi e Martins (2016) relatam que, inicialmente, o grupo atribuía a aposentadoria a um “estágio de preparação para a morte”. Nas palavras dos autores, “a morte, entendida deste modo em uma conotação puramente negativa, se anteciparia e desempenharia um papel de progressiva impotência no sujeito, resultando em posturas de paralisia e imobilidade” (IMBRIZI, MARTINS, 2016, p. 158).

Percebe-se o quanto a velhice pode ser despotencializada quando suas possibilidades de circulação e construção de redes de sociabilidade encontram-se frágeis e limitadas pelo entorno social, que muitas vezes atribui ao idoso aposentado o lugar do espaço doméstico. Não é à toa, aliás, que um

dos significados do verbo “aposentar” refira-se a “residir, morar, viver; tomar aposentos, hospedar-se; deixar o serviço público, conservando o ordenado inteiramente ou em parte; ficar aposentado” (FERREIRA, 1987).

Ainda que atualmente persistam no imaginário popular noções estigmatizantes e negativas sobre o envelhecer, nas últimas décadas as imagens e sentidos construídos para a velhice e a aposentadoria adquiriram novas significações, associando-as a signos mais ativos e joviais, especialmente com a emergência da terceira idade (DEBERT, 2004; CORREA, 2009; LINS DE BARROS, 2006).

Basicamente, a terceira idade é relacionada a uma velhice rejuvenescida, uma época propícia para a realização de antigos projetos de vida e de cuidado de si. Aliás, cabe salientar, aqui, que o próprio conceito de velhice está marcado por uma pluralidade de formas de envelhecer, uma vez que ela é atravessada por questões de gênero, classe social, educação, local de moradia, grupo familiar, idade e outros (LINS DE BARROS, 2006). Retomando um estudo de Britto da Motta (2004), Lins de Barros (op. cit., p. 119) aponta que as diferenças geracionais dentro da própria categoria “velhice” apresenta algumas diferenças como, por exemplo, nas formas de sociabilidade “dos velhos jovens e dos velhos velhos, e a predominância de espaços sociais de interação mais públicos para os primeiros, mais domésticos para os últimos”. Nota-se que a terceira idade se insere e circula no espaço urbano com maior intensidade do que “os velhos velhos”, pois a ela se destina uma série de projetos e serviços de lazer, como grupos de convivência, associações de

aposentados, universidades abertas à terceira idade, turismo, cursos, bailes e outras formas de interação. Aos “velhos velhos” muitas vezes cabe o espaço doméstico, conforme aponta a pesquisadora (op. cit.) ou, ainda, o estabelecimento asilar, onde as possibilidades de circulação do idoso na cidade são ainda mais restritas.

A relação do idoso com o espaço urbano coloca, ainda, outros desafios a serem mencionados, conforme destacam as pesquisas consultadas: a mobilidade urbana e a violência. Com relação à mobilidade, Santinha e Marques (2013) destacam que a imagem da terceira idade, associada a uma população ativa e participativa da vida urbana e o dinamismo das cidades demandam e produzem, cada vez mais, fluxos de deslocamento e de trânsito. Portanto, a presença de idosos e suas práticas no espaço urbano exigem o desenvolvimento de políticas de mobilidade capazes de promover e agilizar a circulação dos longevos pela urbe (op.cit.). Podemos pensar, nesse sentido, que a gratuidade e reserva de assentos preferenciais no transporte público e o direito a vagas reservadas em estacionamentos públicos e privados, tal como preconizado no Estatuto do Idoso (2003), seriam iniciativas para fomentar a circulação dos idosos no espaço urbano. Além disso, vale mencionar que, ainda no referido Estatuto, estão asseguradas a reserva de, no mínimo, 3% das unidades de programas habitacionais públicos para a população acima de 60 anos, o que estimula e incrementa a presença de idosos na cidade.

Além da questão da mobilidade urbana, outro desafio referente à relação da urbe com os longevos diz respeito à segurança. Se, por um lado, residir na cidade é quase um imperativo nos dias

atuais e possui seus atrativos, por outro, desperta sentimentos de temor e preocupação em função do cenário de violência que assalta o cidadão e não apenas nas metrópoles. Considerando que a urbanização da sociedade brasileira, com grandes êxodos da população da zona rural para as cidades, ocorreu de maneira acentuada a partir da década de 1950 (MARICATO, 2000), então boa parte da população idosa hoje, acima de 70 anos, ou viveu diretamente esse processo de migração da zona rural para as cidades ou herdou de seus antepassados próximos subjetivações bastante marcantes da vida no campo, marcada pela saudade e pela lembrança de um tempo feliz.

O saudosismo da vida campestre, aliado a uma experiência de vida na cidade atravessada por sentimentos de medo, suscitados por imagens da violência, presenciadas diretamente ou disseminadas pela mídia, produzem percepções e sensações da vida cidadina como uma vida insegura, tensa, vulnerável e despontecializadora, em contraste com o imaginário de uma vida tranquila e sossegada e protegida no campo. Outras experiências antes comuns no ambiente urbano, tendem a desaparecer com o vertiginoso crescimento das cidades, conforme acentua Eckert (2002):

A experiência de envelhecimento é, cada vez mais, alijada de dinâmicas interativas (o vizinhar, o passeio livre, a caminhada descomprometida), sendo prisioneira do pessimismo sobre os itinerários dos membros da família, restando-lhe a preocupação presenteísta com a sobrevivência dos netos que circulam nesse contexto urbano hostil, frustrando-lhe o exercício de projetar um futuro seguro para os seus (p.77).

É preciso considerar que o fenômeno da globalização das cidades (BAUMAN, 2006), entendendo-se por isso a contaminação das médias e pequenas cidades por fenômenos tipicamente metropolitanos (BAUMAN, 1999), tais como a impessoalidade nos relacionamentos, o aumento do individualismo, a criminalidade, a invasão da indústria cultural e a destruição da local, a disseminação do tráfico e uso de drogas, o consumismo, inflação do trânsito e tantos outros fenômenos, retirou das médias e pequenas urbes o que ainda restava de um clima ameno que nelas persistia pela manutenção de hábitos, costumes e valores mantidos por moradores egressos do campo e das pequenas cidades. Tais transformações urbanas aliadas a uma condição social de maior vulnerabilidade dos idosos, pela ausência de proteções sociais mínimas, acentua o sentimento de temor e insegurança na cidade e dos seus riscos.

Eckert (2002), em seu estudo realizado com idosos sobre a cultura do medo e as tensões de viver no espaço urbano, aponta que as narrativas dos longevos entrevistados sinalizam para uma experiência de envelhecer permeada pelo medo da violência, em que “não é apenas a rua que é evitada como local favorável aos crimes contra a pessoa, mas a própria ‘casa’ precisa ser fortalecida e garantida contra as ameaças do mundo criminal” (op. cit., p. 81).

A estética da cidade se “adapta” ao medo da violência e se traduz em grades, muros, condomínios, cercas elétricas (BAUMAN, 2006). Idosos entrevistados por Eckert (op.cit.) relatam, inclusive, a necessidade que sentiram, ao envelhecer, de se mudarem de uma casa para um apartamento em um condomínio com portaria e

vigilância 24 horas, a fim de garantir um sentimento maior de segurança. Na pesquisa da autora, percebe-se que os idosos tendem a agir de forma mais prudente no cotidiano da cidade e uma tendência ao “enclausuramento forçado” (ibidem), o que leva a um enfraquecimento das relações de solidariedade e amizade com a vizinhança. É notável, dessa forma, que muitos longevos se referem ao passado em tom nostálgico (LINS DE BARROS, 2006), com uma forte idealização da vida pública no espaço urbano, com narrativas que contam de experiências de ampla circulação em praças, parques, bailes, cinemas, brincadeiras na rua, conversas na calçada e outros.

Por outro lado, ainda que sentimentos de insegurança, temor, isolamento e impotência estejam presentes na relação dos idosos com a cidade, outras nuances e sensações eclodem para germinar sentimentos de independência, liberdade e potencialização, principalmente para aqueles, em geral mulheres, que tiveram uma vida de coerção e submissão quando residiam no campo ou mesmo no universo restrito e fechado das pequenas localidades, que as aprisionava no cotidiano do casamento, da vida doméstica e da maternidade (RODRIGUES; JUSTO, 2009). A emergência da terceira idade pode propiciar, especialmente para a mulher idosa, um novo lugar social e, conseqüentemente, novas formas de sociabilidade nos espaços urbanos.

Ao longo dos últimos dez anos, temos acompanhado sistematicamente grupos de terceira idade frequentadores da UNATI (UNESP Aberta à Terceira Idade) e de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). A presença das mulheres idosas é majoritária em relação aos homens mais velhos. Para

chegarem aos locais onde são desenvolvidas as atividades desses projetos, as mulheres utilizam transporte público, veículo próprio e até bicicletas. É notável o desejo de sair de casa, de circular em outros espaços e de se relacionarem com outras pessoas. Em entrevistas que realizamos com as mulheres da UNATI, muitas falam mais do medo da aposentadoria e da “depressão” (decorrente da solidão) do que da violência urbana propriamente dita. Talvez o espaço circunscrito da universidade desperte menos temor para novos relacionamentos do que o espaço aberto da cidade. Alegam, ainda, que é uma oportunidade propícia para “se arrumar mais para sair”, atentando para um cuidado com o próprio corpo, além da importância que atribuem às viagens culturais realizadas anualmente. Ainda que projetos como os da UNATI, do Programa de Fortalecimento de Vínculos com idosos do CRAS e outros voltados para a terceira idade sejam “formas de interações ‘fabricadas’ por agentes da gestão da velhice” (LINS DE BARROS, 2006, p. 119), não podemos deixar de destacar que eles podem se constituir em estratégias de ruptura com o isolamento social da velhice, ao fomentarem experimentações diversas com a cidade e com diferentes espaços políticos, culturais e grupos etários, como no caso da UNATI, que os coloca em contato com jovens e com o ambiente universitário, bem distinto dos demais ambientes que frequentam e dos quais participam habitualmente.

Gentrificação dos espaços urbanos: a cidade envelhece e também rejuvenesce.

A cidade envelhece junto com sua população e igualmente procura elaborar as marcas do tempo. Tentativas de gentrificação, de recuperação e refuncionalização de zonas e

edificações antigas, de preservação de sua história e memória, remodelações do espaço urbano para acolher e absorver os idosos são exemplos das tentativas de contemporização das diferentes temporalidades que coabitam a cidade. Dessa forma, o processo de gentrificação, resumidamente, consiste em:

uma série de melhorias físicas ou materiais e mudanças imateriais – econômicas, sociais e culturais – que ocorrem em alguns centros urbanos antigos, os quais experimentam uma apreciável elevação de seu status. Este processo tem se desenvolvido nos países industrializados basicamente ao longo da etapa chamada pós-industrial ou pós-moderna, iniciada com o declínio do modelo socioeconômico industrial tradicional a partir dos anos de 1970. Caracteriza-se normalmente pela ocupação dos centros das cidades por uma parte da classe média, de elevada remuneração, que desloca os habitantes da classe baixa, de menor remuneração, que viviam no centro urbano (BATTALLER, 2012, p. 10).

Como um fenômeno socioeconômico singular e relativamente recente, o processo de gentrificação da cidade que envelhece permite-nos fazer algumas análises sobre o processo de envelhecimento humano e as transformações de seus sentidos e das imagens que o acompanham. Uma das mudanças no cenário urbano associada à revitalização e revalorização da velhice diz respeito ao envelhecimento da própria cidade, sobretudo das metrópoles, geralmente as mais longevas. Tal como ocorreu com as imagens e sentidos construídos socialmente acerca do envelhecimento humano (PEIXOTO, 2003), os centros envelhecidos das metrópoles também

foram vítimas de processos de negligência, descaso e abandono, acompanhados por um bombardeio midiático de imagens de deterioração e decrepitude. Porém, o mesmo capitalismo que detratou e fez declinar a função social dos longevos e deteriorou as regiões centrais das metrópoles, também se encarregou de revitalizá-los e refuncionalizá-los dentro dos seus objetivos maiores de incrementar negócios e gerar lucros. Os centros metropolitanos voltaram a ser cobiçados pelo mercado imobiliário e passaram por esse processo conhecido na arquitetura e urbanismo como gentrificação (BATTALLER, 2012).

Se a cidade envelhece com sua população, também a revitalização da velhice urbana revitaliza sua população envelhecida. No fundo, tanto a gentrificação dos centros urbanos quanto uma certa valorização da velhice, na atualidade, fazem parte de uma mesma lógica que tende a superar ou reduzir o antagonismo entre o novo e velho, tornando-os igualmente valorizados. (HARVEY, 1998). Por isso mesmo, os edifícios antigos dos centros das cidades são recuperados e refuncionalizados em vez de demolidos, da mesma forma que há um esforço para manter os longevos ativos na sociedade em vez de colocá-los em asilos.

Evidentemente que a valorização do velho, seja no processo de gentrificação dos centros urbanos ou no processo de inclusão social dos longevos não se aparta da dinâmica do capitalismo e de suas vicissitudes. A gentrificação e valorização dos centros urbanos desalojou a população pobre desse território e a substituiu pela classe média ou pela instalação de rentáveis negócios, enquanto algo semelhante também aconteceu com a manutenção

de desigualdades sociais no acesso e gozo das vantagens da valorização dos longevos. O conhecido fenômeno da Terceira Idade, que produziu um recorte na velhice para diferenciar um segmento dos longevos que passou a ser representado como ativo, saudável e apto para a produção e o consumo, pode ser entendido como um processo de valorização de uma parcela dos longevos pertencente à classe média (PEIXOTO, 2003). Por outro lado, à semelhança do que ocorreu com a gentrificação dos centros urbanos, a noção de terceira idade, enquanto signo de uma velhice valorizada socialmente, acabou por não incorporar os idosos pobres, os quais continuam desqualificados, discriminados e potenciais clientes de asilos ou da filantropia.

Memórias e experimentações no espaço urbano

A cidade é o lugar em que o tempo toma igualmente formas peculiares: os espaços também envelhecem. Edifícios desgastados pela ação do tempo ilustram e testemunham a história de uma cidade. É no espaço urbano que se travam toda sorte de histórias públicas ou pessoais. Dessa forma, eles são imbuídos de sentidos e valores, de significações próprias de um determinado acontecimento. Por exemplo, os monumentos históricos, que registram fatos importantes da história de uma cidade ou de um país. São marcos dignos de investimentos, cujo propósito é perpetuar e difundir a memória de grandes acontecimentos do lugar: a casa de uma personalidade considerada importante, os palácios e casarões de marqueses e reis, monumentos em que pessoas foram assassinadas em prol de uma causa, toda espécie de museus etc. Espaços considerados patrimônios, uma vez que

eles guardam e preservam a história de uma determinada sociedade (CORREA, 2009).

Mas há ainda espaços comuns, não destinados especificamente ao registro da memória da cidade, porém, que marcam a história do cotidiano das pessoas de uma época: pequenas casas, armazéns, praças, capelas, ruas antigas... Esses espaços, diferentemente de outros espaços memorialistas que procuram congelar o tempo e a própria memória, portam uma memória e tempo vivos, coexistindo com o presente. O fluir constante do tempo e das mãos humanas alteram, consideravelmente, a paisagem da cidade. “O espaço volta a assumir as traições do tempo: os lugares mudam” (BEAUVOIR, 1990, p.451). Aquela cidade da infância, tal como foi experienciada, existe somente na memória. Certamente, as mudanças da cidade também foram vividas por aqueles que a habitaram e acompanharam boa parte de sua trajetória, mas é comum os idosos manifestarem sensações de estranhamento diante das mudanças ocorridas (CORREA, 2009).

A cidade permanece e resiste ao tempo, ao menos subjetivamente. “Cidades invisíveis” (CALVINO, 1990), das quais tomamos conhecimento através de relatos apaixonados de Marcos Pólos desbravando os entremeios daquilo que não pode ser visto, mas que se materializa no ato de narrar a cidade ou o campo, ou nas imagens impressas em fotografias antigas, que também preservam registros dos lugares hoje extintos.

Ao longo do tempo de nossas pesquisas e intervenções com idosos, notamos que aquilo que sobressalta nas lembranças dos mais velhos é, especialmente, as mudanças de sentido e valores que acompanham as percepções das

transformações dos lugares (CORREA, 2009). Por exemplo, certa vez, ouvimos nas oficinas relatos sobre a vivência da infância na cidade, à época da Segunda Guerra Mundial. Naquele tempo, conforme nos disseram, foi imposto um racionamento de alguns alimentos básicos do dia-a-dia, como pão, farinha, açúcar, sal. A quantidade desses mantimentos era calculada de acordo com o número de pessoas por família e, assim, se distribuía fichas para a compra dos alimentos num determinado armazém. Quem precisasse desses produtos, para além da cota, teria que pagar um alto preço no chamado “mercado negro”. Tudo isso se passava em uma rua que hoje é a avenida central da cidade, coração do comércio municipal repleto de lojas, farmácias, bancos, lanchonetes e bares que invadem as calçadas. O comércio clandestino de outrora deu espaço a um comércio a céu aberto, agora esgotado não mais pela falta, mas pelo excesso. Escassez, guerra, comércio regulado, mercado negro – tudo isso, ainda mais visto pelo olhar da infância, empresta um contraste muito grande com os sentidos atuais desse mesmo lugar.

Outros tantos relatos interessantes provocam até nossa imaginação acerca do espaço urbano e seus sentidos. Uma dessas histórias é sobre uma antiga cadeia municipal de uma cidade ao norte do Paraná. Há mais ou menos quarenta anos, o marido de uma das idosas com quem atuamos trabalhava como agente carcerário. As fotos revelam a velha cadeia: uma simples casa de madeira. Os banheiros e o refeitório ficavam na parte externa, que não tinha grades e sim uma cerca de balaústre. A porta de entrada permanecia aberta o tempo todo e as crianças entravam livremente para espiar os presidiários. Além disso, o

carcereiro escolhia o preso de melhor comportamento para cuidar de seu filho pequeno em sua própria casa ou nas cercanias da cadeia. Esse filho, atualmente um policial militar, ficou sob os cuidados de alguns presos que auxiliavam em tarefas do cotidiano, como cozinhar, limpar a casa, cuidar da criança. Se pensarmos em nosso tempo atual, essa façanha é inimaginável. De fato, não somente os espaços mudaram, mas também as relações que se estabelecem com eles se modificaram sobremaneira.

Tal como já mencionado no fenômeno da gentrificação, a ruptura com o velho e a abertura para o novo se concretizaram de forma radical na arquitetura. Muitos edifícios históricos caíram por terra, literalmente, e várias cidades ganharam uma nova aparência mais “moderna”. Ainda hoje, muitas construções históricas são derrubadas ou mal preservadas, embora o urbanismo contemporâneo, diferentemente do moderno, não se proponha mais romper com o antigo e destruí-lo, mas, ao contrário, se dispõe a incorporá-lo ou até revitalizá-lo, com a remodelação ou restauração de edifícios antigos (HARVEY, 1998). Nessa questão, em particular, o novo dialoga com o velho. Já no plano das relações pessoais diretas entre o jovem e o idoso, os diálogos parecem mais constrictos e problemáticos.

Mesmo que haja essa tentativa de miscigenação entre o velho e o novo em alguns planos, a circulação do idoso no espaço urbano é objeto de restrições várias. Numa sociedade guetificada, como a atual (MAFFESOLI, 1998), os grupos sociais e etários possuem modalidades de circulação diferentes na cidade. Os lugares estão bem delimitados: há os espaços dos jovens, dos casais, das crianças e dos velhos.

Difícilmente ocorre que um circule nos espaços dos outros.

A circulação pelos espaços é delimitada por fronteiras sociais que determinam onde cada categoria deve transitar. Aliás, o próprio mercado se encarrega de produzir tais lugares, como por exemplo, casas noturnas voltadas especificamente para jovens e adolescentes, salões de dança para casais, boates gays, clubes de convivência para a terceira idade em que são realizados os bailes etc. Difícilmente as diferenças mais radicais se encontram nesses lugares tão especificados. Aliás, em uma experiência com um grupo da UNATI, levamos os idosos a uma badalada casa noturna da cidade, frequentada somente por jovens. O incômodo provocado pela situação de choque de gerações foi mais presente nos adolescentes do que entre os próprios idosos. Já nos tradicionais bailes da terceira idade, é mais comum encontrar pessoas de outras gerações. Ali, a presença de moças e rapazes é bem assimilada, de acordo com pessoas por nós entrevistadas.

As possibilidades de experimentação do espaço urbano pela velhice, como percebemos na sociedade brasileira, ainda são mais restritas. Sua circulação em ambientes onde a presença de jovens é maciça muitas vezes não é bem-vinda pelos adolescentes. Em ambientes tipicamente noturnos, como bares e restaurantes, dificilmente encontramos presenças significativas da população idosa. Certa vez, propusemos uma atividade, nas oficinas de psicologia com a terceira idade, que consistia em fazer uma maquete que figurasse a cidade e a relação que cada um estabelecia com esse espaço. Divididos em pequenos grupos, os participantes tinham à disposição diversos materiais de papelaria e reciclagem. Ao final, eles

apresentaram a produção do grupo para que pudessemos discutir as implicações da atividade realizada. O espaço urbano retratado por todos os subgrupos reunia praticamente os mesmos conteúdos: a igreja, a praça central, o comércio, a escola, a casa do filho, uma lanchonete, a sorveteria, o supermercado, o hospital. Em nossa discussão sobre o material produzido, eles afirmaram que essa era a cidade à qual pertenciam e aqueles eram seus caminhos de circulação na urbe. Notamos que, para esses idosos, lugares como casas noturnas eram interditados e não faziam parte de sua possibilidade de experimentação e apropriação da cidade.

Outra experiência muito significativa foi quando levamos ao *shopping* da cidade um grupo de idosos residentes em Instituições de Longa Permanência (ILPI) institucionalizados, com os quais desenvolvemos um projeto de extensão. O estranhamento das pessoas que por ali circulavam era visível, tal como acontecera com a terceira idade na experiência que tivemos na casa noturna. Alguns transeuntes do *shopping* olhavam espantados, outros com olhar de admiração e até de compaixão, como se os idosos fossem elementos estranhos àquele cenário urbano. Chamou-nos atenção o fato de que nenhum deles conhecia aquele centro comercial da cidade e ficaram impressionados com o elevador e a escada rolante, elementos tão comuns e corriqueiros da paisagem de edifícios urbanos. Alguns idosos “se arriscaram” a experimentar o elevador e a escada rolante, outros ficaram bastante receosos. Essa experiência, bastante significativa, permitiu constatar o quanto os idosos institucionalizados estão alijados de experiências com os espaços urbanos, a ponto de não

conhecerem aparelhos tão banais e icônicos da cidade contemporânea.

Essas restrições de circulação, experimentação e apropriação do espaço urbano a que estão submetidos os idosos são frutos de uma severa segregação social, pois “queremos que os velhos se conformem à imagem que a sociedade faz deles. Impomos-lhes regras com relação ao vestuário, uma decência de maneiras, e um respeito às aparências” (BEAUVOIR, 1990, p. 268). Por isso, muitos territórios são previamente delimitados e reservados para certos segmentos da população, com regras de convivência específicas. Em dois diferentes clubes da terceira idade que pudemos conhecer, onde acontecem os bailes semanais, é colocado, na entrada, um grande aviso que determina as regras da casa: mulheres não podem entrar com roupas curtas, homens têm de estar bem vestidos e é proibido o namoro explícito naquele espaço. Isso mostra o quanto normas e regras de comportamento contribuem para a diferenciação de espacialidades e de temporalidades na urbe pelas quais se produzem segregações e hierarquizações, dentre elas, aquelas que separam e criam relações de subordinação entre segmentos da população seccionados por faixa etária ou por signos da jovialidade e da velhice.

Considerações finais

A crescente urbanização e o envelhecimento da população despertam uma série de temáticas a serem discutidas. Algumas delas foram abordadas nesse artigo, como a presença, a apropriação e circulação de idosos na cidade, a violência urbana, a mobilidade, o processo de gentrificação e as memórias de idosos e da cidade que envelhecem. São questões que certamente não se esgotam aqui, ao

contrário, são pontos de partida para auxiliar na reflexão dos desafios a serem enfrentados, especialmente aqueles que dizem respeito à apropriação da cidade pelo idoso e o combate às estereotípias dos espaços, especialmente quando existem obstáculos que dificultam o acesso dos mais velhos às experimentações da e na urbe.

Um desses obstáculos são barreiras físicas, que comprometem o acesso a logradouros diversos. Escadas, meios de transporte, calçadas e até o trânsito dificultam a circulação de idosos. Mas as barreiras sociais também podem tolher de forma intensa a produção de subjetividade do idoso, quando elas circunscrevem e delimitam o(s) lugar(es) que eles devem ocupar e a maneira como devem fazê-lo. Os guetos etários, nesse sentido, talvez sejam um dos maiores desafios a serem enfrentados tanto no presente quanto no futuro próximo da cidade. Os zoneamentos já existentes, que estabelecem áreas residenciais, comerciais, industriais, de lazer e outras, são complementados por outros zoneamentos menos explícitos e formais, porém não menos compartimentalizadores e segregacionistas que separam velhos, jovens e crianças; ricos e pobres, leigos e profissionais especializados, homens, mulheres, homossexuais e heterossexuais, religiosos e ateus e assim por diante. São zoneamentos urbanos não necessariamente geográficos, mas realizados a partir de marcadores sociais, políticos, morais, etários e identitários, atravessados por relações de poder.

Ainda que o contemporâneo se caracterize pela dissolução das fronteiras de tempo e espaço (HARVEY, 1998), produzindo

mobilidades diversas, nunca antes vivenciadas, ainda estamos longe de equacionar os problemas de fronteiras nas experiências com a urbe que ultrapassem as idades institucionalizadas, a fim de estabelecermos uma outra ética com a cidade e o outro. Nas palavras de Eckert (2002, p. 78),

É nos jogos da memória e do trabalho da imaginação criadora humana que podemos recolocar a experiência de envelhecer na vida temporal da cidade numa dimensão de múltiplos significados, explodindo o modelo linear da imagem do homem moderno configurado no processo de individualização que ‘coloniza’ as etapas etárias e institucionaliza o curso da vida.

Mesmo que subsistam fortes resistências às transformações das espacialidades e temporalidades da urbe, o envelhecimento da população e da própria cidade é um fenômeno inevitável e que exigirá mudanças profundas no cenário citadino.

Referências

- BATALLER, M. A. S. O estudo da gentrificação. *Revista Continentes*, v. 1, n. 1, p. 9-37, 2002.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.
- BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORREA, M. R. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- DEBERT, Guíta G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: editora da USP, 2004.
- ECKERT, C. A Cultura do Medo e as Tensões do Viver a Cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR, C.E.A. *Antropologia, saúde de envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 73-102.
- FERREIRA, A. B. de H. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1998.
- IMBRIZI, J. M.; MARTINS, E. C. A velhice e o direito à cidade: uma experiência de estágio na Universidade Federal de São Paulo – Baixada Santista. *Revista Interface*, n. n. 11, p. 155-166, 2016.
- IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em 02 de junho de 2016.
- LINS DE BARROS, M. M. Trajetória de estudos de velhice no Brasil. *Revista Sociologia, problemas e práticas*, n. 52, p.109-132, 2006.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MARICATO, E. Urbanismo na periferia do mundo globalizado. *São Paulo em perspectiva*, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000.
- PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (3ª ed.). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, p. 57-84.
- RODRIGUES, A. P.; JUSTO, J. S. Ressignificação da feminilidade na terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v. 14, n2, p.169-186, 2009.
- SANTINHA, G.; MARQUES, S. Repensando o fenômeno do envelhecimento na agenda política das cidades: a importância da promoção da mobilidade de pedestres. *Revista Brasileira de Geriatria e de Gerontologia*. 16 (2), 2013, p. 393-400.
- UNITED NATIONS. *World Urbanization Prospects*. New York: United Nations, 2015.